Ano VIII — Lisboa, Novembro de 1952 — N.º 91

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

PERSEVERANÇA



Apesar de reconhecermos que o Escotismo no nosso País ainda não passou de um arremedo da ideia original do Fundador, julgamos que muita coisa se tem deixado de fazer no nosso movimento, primeiro por uma confrangedora ignorância do método powelliano dalguns dos dirigentes responsáveis pelas unidades escotistas, que tem viabilizado a corrupção de muitos dos seus princípios basilares, segundo, por um comodismo exacerbado na execução dos programas escotistas. Não é raro ver, entre nós, grupos de escoteiros cuja orgânica se assemelha mais à de um centro de campismo, ou vivendo encerrado entre as acanhadas paredes da sede, ao invés do que foi formulado por B.-P., que concebeu este sistema educativo como uma alegre camaradagem do ar livre.

O cargo do chefe escoteiro requer uma devoção sem igual. Depois de estar consciente de que o movimento escotista não é um mero passatempo para se gastar as horas de ócio, mas, antes de tudo, um sistema pedagógico de eficácia comprovada, o chefe deve estar impregnado da virtude da persistência, para levar por diante os seus programas numa sequência ininterrupta, sem a qual o seu trabalho será em vão. Dia após dia, novos rapazes vão transpondo o limiar da sede. É isto o normal num grupo de escoteiros. A vida e a renovação não pode parar. Em cada um desses rapazes tem o chefe de modelar o carácter de um escoteiro, insuflando-lhe o Ideal, oferecendo-lhe um sentido de vida mais salutar. É uma tarefa que não admite desfalecimentos ou quebra de intensidade, o que, a acontecer, impedirá que o Escotismo ofereça os frutos dos seus ensinamentos, isto é, indivíduos preparados para arrostar com as mil contrariedades da vida corrente e a triunfar delas. A missão do chefe, neste aspecto, pode comparar-se à Natureza que, na estação própria, não despreza a linfa benfazeja, preparando uma Primavera esplendorosa, cheia de cor e de vida.

PERSEVERANÇA tem de ser a divisa do dirigente escotista verdadeiramente cioso da eficácia da sua actividade; perseverança não só perante os escolhos do seu cargo, como também diante da incompreensão de uns tantos ou da inconstância da juventude. É através de um caminho colmado de dificuldades que o grupo de escoteiros tem de singrar, progredir, colher os seus resultados. Para o robustecimento da vontade, há que seguir o exemplo de tantos e tantos homens, poetas, músicos e conquistadores, que souberam, com uma tenacidade indómita, pulverizar todas as contrariedades que se erguiam a impedir a consecução da sua obra. Recordamos, por exemplo, que Alexandre Magno era corcunda; Homero, Milton e Castilho completamente cegos; Beethoven, o maior génio musical, era intensamente surdo. Que maiores barreiras poderiam vedar o êxito destes homens famosos?

A tarefa do escoteiro-chefe é inegável que tem os seus espinhos; porém, eles se esboroarão só com um pouco de tenacidade. Um ditado japonês afirma, muito sensatamente, que uma estrada de mil léguas principia por uma passada. É este espírito que deve guiar o dirigente escotista: ir torneando, um por um, os obstáculos, sem precipitações, procurando que o grupo seja penetrado do espírito que B.-P. preconizou, porque um grupo de escoteiros é algo que merece o nosso respeito e o nosso desvelo. Convertê-lo numa cáfila de aventureiros é o mesmo que transformar uma escola numa chafarica, porque, tanto naquele como nesta, foi obliterado o seu objectivo fundamental: formar homens capazes de exercer dignamente os seus direitos de cidadania. O chefe, tem, portanto, de mostrar outra faceta

(Conclui na 2.ª página)

O Cinema e a Educação

Por recente decreto governamental, que entrará em vigor em 1 de Janeiro próximo, foi regulada a frequência de menores a espectáculos cinematográficos, problema que se vinha arrastando com todos os inconvenientes de ordem social e educativa. Serão organizadas sessões de cinema para crianças de 6 a 13 anos de idade, e seleccionadas as fitas a que poderão assistir adolescentes de 14 a 18 anos.

São dignas de maior louvor as providências tomadas pelo Governo, visto que o cinema tem um excepcional poder de atracção para a criança e um forte poder sugestivo, podendo ter boa ou má influência na personalidade em formação.

Seria de desejar que a influência do cinema fosse boa, mas infelizmente a produção cinematográfica está geralmente ligada a grandes interesses mercantilistas, onde não há preocupações éticas ou pedagógicas. Daí os péssimos argumentos apresentados nas salas de cinema, fazendo passar pelos olhos inocentes das crianças cenas vergonhosas e imorais, que deixam, nas suas almas cândidas, sulcos profundos de depravação.

Confiemos agora em que os censores se identifiquem com os elevados objectivos governamentais, exercendo a sua acção com critério verdadeiramente pedagógico e moralizador, sem desviarem a sua utilíssima missão para outras preocupações menos importantes, e talvez mesquinhas, já que do saneamento mental da gente nova depende o futuro da nação.

A Eficácia da Oração

O Dr. Hyslop, um dos maiores médicos ingleses, disse uma vez na Associação Médica Britânica: «A melhor medicina que descobri na minha prática é a oração. Havendo-me preocupado durante toda a vida pelos sofrimentos mentais, devo declarar que de todas as medidas higiénicas para combater a insónia,

(Conclui na 2.ª página)

PERSEVERANÇA

(Conclusão da 1.ª página)

da sua perseverança, esforçando-se por que o seu grupo mantenha o carácter de um grupo de escoteiros de facto, imunizado contra a corrupção de princípios a que um desleixo poderia conduzi-lo. A única arma será a firmeza com que ele aplicar o Ideal powelliano e o Chefe Escotista mundial bem os preveniu dessas dificuldades. «Não deve esperar-se—afirmou em determinada altura—que a vida seja um leito de rosas; se assim fosse não valeria a pena vivê-la. De igual modo, ao tratar com escoteiros, está-se sujeito a sofrer desenganos e contratempos. Há que armar-se de paciência. Há muitas pessoas que, frequentemente, chegam a perder os seus trabalhos e a própria carreira mais por falta de paciência do que por causa das bebidas ou qualquer outro vício. Temos de suportar com paciência, até certo ponto, críticas mordazes e outros dissabores». E numa lufada de optimismo, termina: «Mas uma generosa recompensa chegará a seu tempo».

Conta-se que durante a batalha Waterloo, no seu momento mais crítico, um oficial que comandava uma das alas do exército de Wellington, dirigiu-se a este cabo de guerra, dando-lhe conta da angustiosa situação dos seus soldados. O famoso general respondeu simplesmente: «Permanecei firmes», «Mas,—murmurou o oficial—todos nós morreremos». «Permanecei firmes»,—replicou Wellington. O oficial, fincando as esporas no seu cavalo, correu a ocupar o seu posto. Tanto ele como os seus soldados sucumbiram na refrega, mas do sacrifício desses mártires brotou a vitória, uma vitória assinalada gloriosamente nas páginas da História. É esta fé, esta confiança inabalável no triunfo, este abnegado sacrifício que o chefe escotista tem de cultivar em si próprio; esta perseverança que será a diapasão do seu grupo; perseverança contra as dificuldades e incompreensões; perseverança contra os mil e um contratempos, contra o desânimo, contra as reuniões sonolentas; perseverança na manutenção do ideal de B.-P. na sua pureza. Se entre nós, nos nossos grupos de escoteiros, houver homens animados desta vontade férrea, dentro em pouco poderemos dizer que, em Portugal, apesar de todas as peias, apesar de todos os empecilhos, o Escotismo ressurgiu.

JOEL RIBEIRO



A Voz do Chefe

Os resultados duma pequena Boa Acção

Os Escoteiros Americanos contam actualmente mais de um milhão de membros, compreendendo os instrutores, o conselho e os membros dos «comités».

Isto é muito importante e foi um escoteiro inglês que foi a causa primária disto tudo, em Londres, há muito mais de vinte anos. Foi um escoteiro, por fazer a sua Boa Acção diária, ao oferecer-se para indicar o caminho a um sujeito. Quando este estrangeiro quis pagar ao rapaz o seu incómodo, naturalmente este disse:

— Não, muito obrigado, meu senhor, sou escoteiro.

—Escoteiro?! Mas o que é isso?

O sujeito nunca tinha ouvido falar de escoteiros. Perguntou ao rapaz e, por fim, foi visitar a sede central dos escoteiros de Londres. Aí aprendeu tudo o que dizia respeito aos Escoteiros.

Era um americano. De volta ao seu país, contou a história desta maravilhosa confraria dos escoteiros sempre prontos a fazer Boas Acções a todos aqueles que delas tenham necessidade, e não aceitando qualquer recompensa.

A ideia teve rápido sucesso na América e os grupos de escoteiros fundaram-se aqui e ali por todos os Estados Unidos.

Estive ali em 1912 e falei em vinte lugares pouco mais ou menos. Hoje há naquele país quase tantos escoteiros como no resto do mundo.

Eis o resultado de uma pequena B.-A. feita por um escoteiro.

A Associação «Boys-Scout of America», em reconhecimento, doou aos Escoteiros Ingleses um bisonte americano dedicado ao Escoteiro Desconhecido, e o Príncipe de Gales inaugurou esta estátua em Gilwell Park, onde ela foi erigida.

BADEN-POWELL

O «SEMPRE PRONTO»

vende-se na **Tabacaria Boa-Hora**

Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

A Eficácia da Oração

(Conclusão da 1.ª página)

a depressão dos espíritos, e todas as miseráveis consequências de uma mente perturbada, daria indubitàvelmente a preferência ao simples hábito da oração. Ainda do mero ponto de vista físico é da maior importância ensinar as crianças a manter diàriamente comunhão com Deus. Para aquietar o espírito e fortalecer a alma para superar o emocionalismo incidental, é mais eficaz este hábito do que qualquer outra terapêutica conhecida».

NEW LIFE, ÁFRICA DO SUL



Grupo n.º 6 — Olhão

Por motivos da sua vida particular, pediu a demissão de Chefe deste Grupo o nosso caro amigo Sr. Francisco Militão dos Santos, que há anos desempenhava com dedicação o este cargo, motivo por que ainda recentemente tinha sido condecorado com a medalha de ouro de «Dedicação e Bons Serviços».

Assumiu a Chefia do Grupo 6 o Subchefe do mesmo, Sr. Francisco do Nascimento Pina, cuja dedicação e comprovada competência são garantia de que o Grupo 6 prosseguirá na sua notável actividade.

Grupo n.º 77 — Faro

Esta unidade tem efectuado algumas actividades interessantes e parece querer entrar num novo período de acção, notícia que nos apraz registar com simpatia.

Grupo n.º 59 — Tavira

O Grupo de Tavira tem estado, segundo notícias chegadas à nossa Redacção, quase inactivo, o que é de lamentar. A cidade de Tavira bem merece possuir um grupo de Escoteiros de Portugal florescente e os nossos camaradas daquela cidade são capazes de o organizar. Precisam, pois, de lançar mãos ao trabalho. Esperamos ansiosos notícias das suas novas actividades.

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

O Grupo de V. R. St.º António é uma das mais simpáticas unidades do Algarve, mas a sua actividade tem diminuído constantemente, apesar de contar com dirigentes capazes e com longos anos de serviço. O «Sempre Pronto gostaria de voltar a fazer brilhar as suas colunas com boas notícias do Grupo 60. Esta local é um apelo a todos os nossos camaradas daquela Vila do extremo de Portugal para que realizem um esforço a favor da restauração do seu Grupo. Estamos certos que esse esforço vai surgir.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Conferência de Dirigentes

Esta Conferência foi convocada pelo Boletim oficial n.º 8|52 de 31 de Outubro último, nos seguintes termos:

II — COMUNICADOS

1) Conferência de Dirigentes

a) Reuniões preparatórias — (Refere-se às reuniões de 29 de Agosto e de 19 de Setembro p. p.)

b) Data da Conferência.

Está fixada para os dias 5 a 8 de Dezembro próximo, com a seguinte distribuição:

Dia 5—Sessão Solene de inauguração cerca das 21,30 h. Reuniões nos dias 6 à tarde e à noite.

Dias 7 e 8—De manhã, tarde e noite. (Aproveita-se assim o dia 8 que é feriado nacional para que todos com mais facilidade possam comparecer).

Em pormenor será o programa publicado oportunamente.

c) Local da Conferência

A sessão solene e as sessões de trabalho realizar-se-ão no Pavilhão dos Desportos Náuticos em Belém, Lisboa, por amável autorização do Presidente dos organismos sob cuja dependência se encontra o referido Pavilhão.

d) Comparticipação na Conferência

Será regida pelo art.º 13.º dos Estatutos, devendo os Grupos e mais instituições comunicar os nomes dos seus representantes até ao dia 25 de Novembro próximo.

Conforme resolução, os Grupos podem enviar dois representantes, o seu Chefe e Chefe-Ajudante, contando sòmente o voto de cada entidade como prescreve o § único do Art.º 13.º dos Estatutos.

Excepcionalmente poderão vir em representação dos Grupos outros *Dirigentes* devidamente credenciados pelos anteriormente indicados.

Desde que haja outros dirigentes no Grupo, elementos da Comissão de Patrocínio ou outros que tenham interesse ou haja vantagem em assistirem à C. D. deverão os Grupos comunicar à Direcção para que ela convide esses elementos conforme o estabelecido.

e) Situação dos Grupos em relação à sua Comparticipação na Conferência

Estão em condições de tomar parte na C. D. e com direito a voto, de acordo com os Estatutos e Regulamentos, os Grupos n.os 1, 2, 5, 6, 7, 9, 13, 33, 40, 52, 53, 59, 60, 77, 79, 80, 84, 85, 93, 94 e 99.

Podem tomar parte na C. D. mas sem direito a voto os Grupos seguintes:

4 e 16 — que estão em observação atenta nada se tendo conseguido para a sua reabertura.

15, 44 e 91 — Por estarem em inactividade por deliberação unilateral dos seus chefes, embora os S. C. tenham tentado por vários fazê-los voltar à actividade.

10, 45 e 78 — Grupos recentemente organizados e que ainda não estão nas condições regulamentares de emitirem voto.

f) Estatutos e mais legislação

É da máxima conveniência que todos os participantes na Conferência se inteirem completamente do que está nos Estatutos e mais normas regulamentares para que não se perca tempo a esclarecer pontos que poderão estar esclarecidos de antemão.

O S. M. U. está habilitado a vender exemplares dos Estatutos ao preço de 1$00.

g) Trabalhos e assuntos a serem tratados na Conferência.

É da máxima conveniência que todos os participantes tomem nota dos assuntos que desejem tratar ou ver tratados e o comuniquem sem falta o mais tardar aos S. C. até 20 de Nov.º próximo, para se poder organizar o programa definitivo das sessões de trabalhos.

* * *

Regulamento Geral de 1932

Atendendo a que parte destas disposições não está de conformidade com os Estatutos e Regulamento Geral de 1932, parece-nos que contribuirá para o disposto na alínea *f)* transcrever o que acerca da Conferência de Dirigentes consta do Regulamento Geral, já que Estatutos todos poderão obter na Sede da A. E. P. e nesta Redacção. Diz o R. G.:

Art.º 82.º Para exercer o direito de voto consignado no § único do art.º 13.º dos Estatutos, os Grupos de escoteiros devem ter, pelo menos, um ano de filiação, e as instituições de estudo e propaganda devem estar nas condições do art.º 69.º deste Regulamento. *(Art.º 69.º estabelece que sejam constituídos exclusivamente por Antigos Escoteiros e tenham 3 anos de existência e actividade).*

§ 1.º O voto é expresso pelo representante proclamado pela Mesa da Conferência, em qualquer das suas sessões, devendo essa declaração basear-se em documento ou qualquer acto que legitimamente expresse o desejo da representação lhe ser confiada.

§ 2.º Nenhum membro da Conferência pode ter mais de duas representações.

§ 3.º A nenhum organismo de estudo e propaganda é permitida a delegação de voto em pessoa a ele estranha.

Art.os 83.º e 84.º—*(Referem-se a poderes da Comissão Permanente que não existe nos Estatutos em vigor e, portanto, devem ser considerados nulos).*

Art.º 85.º A Comissão Executiva (agora Direcção), no cumprimento do artigo 16.º (agora 15.º) dos Estatutos procederá da seguinte forma:

1.º Anúncio da data e localidade com dois meses de antecedência pelo menos, convidando as entidades com direito a nela tomar parte a comunicarem quais os assuntos que desejam ver tratados;

2.º Publicação do programa definitivo até 30 dias antes;

3.º Distribuição dos trabalhos ou, pelo menos, das suas conclusões, até quinze dias antes.

§ 1.º Estes períodos podem ser reduzidos até metade, por motivo de força maior, devidamente comprovado perante a Conferência.

§ 2.º Os assuntos propostos à Conferência terão duas votações, uma a seguir à discussão e outra final.

Ar.º 86.º A Conferência pode abrir por sessão solene, visando a propaganda do Movimento, e terminará pela eleição das entidades indicadas no art.º 88.º do Regulamento e 14.º dos Estatutos, e bem assim pela votação final das resoluções, cuja redacção definitiva compete à Comissão de Pareceres ou, na sua falta, à Comissão Executiva.

Art.º 87.º A presidência e o secretariado da Conferência competem, respectivamente, ao Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal e ao Secretário Geral da Associação ou pessoa por ele indicada.

§ 1.º À sessão inaugural, quando tenha o carácter a que faz referência o art.º 86.º, poderá presidir uma entidade estranha à Associação dos Escoteiros de Portugal, para essa sessão especialmente convocada.

§ 2.º Nas sessões de trabalho poderá o presidente fazer-se substituir por outros membros da Conferência.

§ 3.º A Comissão Executiva proporá à Conferência as pessoas que devem completar as mesas das sessões.

§ 4.º Aos trabalhos de escrutínio presidirá o membro da Conferência que seja de mais idade.

NOTA — Estas normas do R. G. de 1932, ainda mesmo que se queira alegar que o mesmo não está em vigor — o que não é certo porque nenhuma C. D. o revogou — constituem além disso a tradição associativa e, portanto, têm o mesmo valor, já que nunca foram substituídas.

A AMIZADE LUSO-BRASILEIRA

Temos presente o segundo número de «Bem Servir», órgão dos Escoteiros do Pará (Brasil), mensário dirigido pelo Sr. António Maia. Este jornal presta, na sua primeira página, uma significativa homenagem ao Escotismo Português, por motivo da passagem do dia 10 de Junho, dia de Camões, inserindo uma gravura do grande Épico português. Nessa página transcreve-se ainda uma local que publicámos neste jornal a propósito da passagem por Lisboa do Sr. Armindo da Costa Maia, Comissário do Escoteiros do Mar do Pará e secretário daquele jornal.

Agradecendo tão comovedora homenagem, fazemos votos para que uma sempre maior aproximação ligue não só os escoteiros de Portugal e do Brasil, mas todos os Portugueses e Brasileiros, de tal forma que os destinos gloriosos das duas Pátrias irmãs se confundam no mesmo vínculo sagrado da amizade e da cooperação.

A «Bem Servir» e aos seus dedicados dirigentes, agradecemos as suas carinhosas saudações e desejamos longa vida ao serviço da nobre causa do Escotismo.

• • ○ • •

Campanha para mais 100 assinaturas

A nossa campanha para aumento de assinaturas avança. É certo que devagar, mas avança, o que bastante nos alegra. No n.º 89 do «Sempre Pronto» registámos 54 novas assinaturas. Hoje temos o prazer de registar mais as seguintes: Srs. João Nunes, Eng.º Vítor H. S. Ferreira Malha, Luís Maurício Malhão, Dr. Mário da Veiga Malta, Carlos Alberto Cavaco Baptista, Eduardo Campos, Rev. Gerson de Azevedo Meyer, Francisco da Silva Maurício e José Luís Carreiro J.or. E ainda, propostos pelo nosso amigo de Tomar snr. Fernando P. Santos, os snrs. Fernando Gomes Carmo e Augusto Nunes; e pelo nosso antigo irmão-escoteiro snr. Manuel Sá Viana, o sr. Raul da Costa Dias.

Por intermédio do grupo em organização na Juventude Evangélica Portuguesa, a sr.ª D. Josabette Ferreira Martins e o sr. Rúben Matta.

Temos, portanto, mais 15 assinaturas, o que soma 69. Estamos ainda longe do nosso alvo e precisamos de o atingir antes do fim deste ano. Isso só acontecerá se os nossos amigos se dispuserem a vir em nosso auxílio. Quem nos ajuda a vencer o alvo da campanha?

«O Escotismo é um auxiliar precioso da Igreja e da Família na formação do cidadão íntegro, operoso, capaz, honesto para consigo mesmo e com os que o cercam» — declarou-nos o Sr. Dr. Osny Silveira, ilustre advogado e jornalista de S. Paulo e deputado à Assembleia Legislativa daquele estado brasileiro.



FOTO MARQUES DA SILVA

O nosso redactor entrevistando o Sr. Dr. Osny Silveira

A vinda do Sr. Dr. Osny Silveira ao nosso país, como representante da Igreja Presbiteriana Brasileira à inauguração do Sínodo Nacional da Igreja Presbiteriana de Portugal, ofereceu-nos uma ocasião rara de ouvirmos valiosas considerações sobre os problemas da juventude da gloriosa nação-irmã. Distinto advogado do foro paulista, jornalista conceituado dos diários «Folha da Manhã» e «Folha da Tarde», deputado reeleito da Assembleia Legislativa do estado de S. Paulo, orador de vastos recursos, o Sr. Dr. Osny Silveira, apesar de ser ainda um jovem, tem já uma brilhantíssima carreira, norteada pelos mais elevados ideais. Como deputado, foi ele que corajosamente levantou a voz na Assembleia Estadual contra o jogo e a lotaria, que tantos distúrbios estavam causando entre a mocidade, rejeitando benesses com que procuravam calar a sua opinião desassombrada. Mercê da persistência da sua acção, conseguiu por fim que a jogatina fosse abolida do estado.

O «*Sempre Pronto*», aproveitando a estadia em Portugal do insigne visitante, honra-se publicar as interessantes declarações do Sr. Dr Osny Silveira, já que amàvelmente se pôs à nossa disposição para esse efeito.

Depois de lhe manifestarmos a nossa gratidão pela solicitude com que atendeu este pedido e o prazer que tínhamos em registar as suas valiosas considerações, começámos o nosso interrogatório, perguntando-lhe como havia sido acolhida tão útil legislação pela mocidade brasileira.

— O flagelo do jogo — respondeu-nos o Sr. Dr. Silveira — tem feito um mal imenso no Brasil, especialmente no seio da juventude e das classes trabalhadoras. Assim, toda a iniciativa tendente a suprimi-lo ou a diminuir-lhe os danosos efeitos, tem tido favorável acolhimento da parte de quantos realmente se interessam pelo assunto, na sua funda repercussão moral, social e económica. Os moços, no meu país, a não ser em pequena escala, não se aperceberam ainda da relevância do problema. Devo esclarecer que, se fui na realidade o autor do dispositivo constitucional que extinguiu a lotaria de S. Paulo, a luta contra os demais tipos de jogo só se tornou vitoriosa, graças à acção clarividente e patriótica do actual governador do Estado, Dr. Lucas Nogueira Garcez. A minha participação aí foi ùnicamente a de manter acesa na Assembleia e na Imprensa a campanha que há anos encetara, na esperança — que agora se concretizou — de que um governante bem intencionado a transformasse numa realidade feliz para o povo paulista. Lamento ainda informar que nos outros estados do Brasil a jogatina campeia mais ou menos abertamente.

As afirmações do nosso distinto interlocutor eram claras e profundas. Como desejávamos saber mais acerca da mocidade da grande nação brasileira, continuámos a perguntar:

— E a juventude do seu país tem muito interesse pela cultura?

— O momento actual não parece muito propício para estimular o interesse dos jovens para com as coisas do espírito. A regra é o superficialismo, quando não um completo retraimento cultural. Contudo, em alguns dos centros mais adiantados do Brasil já existem pequenos núcleos de moços que parecem dispostos a quebrar essa indesculpável frieza e a lançar-se à fascinante aventura de pesquiza e do aperfeiçoamento intelectual. O sentido da responsabilidade que a Igreja Evangélica imprime a todos os seus membros, tem feito com que nesse sector se destaquem muitos dos nossos jovens crentes.

— Já que nos falou no movimento religioso entre os jovens, diga-nos qual é a reacção dos jovens brasileiros perante o problema religioso?

E o Sr. Dr. Silveira vai concretizando o seu pensamento:

— Percebe-se um certo despertamento entre os moços em relação a esse problema. Mal-grado as imensas dificuldades com que luta, a juventude evangélica, especialmente a do meu curso superior, está-se organizando para atrair para Cristo os moços do Brasil. Tenho para mim que este é o trabalho mais importante que se realiza. Do seu êxito depende em grande parte o futuro religioso do meu país.

Sabendo da autoridade com que o nosso entrevistado poderia tratar destes assuntos, não quisemos perder a oportunidade de ouvir a sua opinião sobre um problema de grande actualidade. Por isso, formulámos-lhe esta interrogação:

— É do nosso conhecimento que V. Ex.ª tem visitado alguns países desta Europa tão inquieta, onde à mocidade se deparam problemas tão angustiosos, tanto no campo social, como no moral e no económico. Parece-nos, pois, que o Brasil, geogràficamente arredado deste fulcro efervescente, proporcionará à gente nova um ambiente mais propício às suas aspirações e anseios. Existirão, por isso, profundas diferenças de carácter entre os jovens dos países do Velho Continente e dos países latinos-americanos, particularmente do Brasil?

— Não, os jovens são sempre os mesmos, onde quer que se encontrem. Espontâneos, entusiastas, corajosos e alegres. O que lhes tem faltado é adequada orientação moral, religiosa e mesmo cívica. A velha geração é que tem faltado ao seu dever, omitindo-se das suas responsabilidades, quando não actua directamente, por um testemunho inqualificável, no sentido de destruir as esperanças que vivem naturalmente no coração dos moços. No Brasil, como na Europa, a mocidade está numa encruzilhada: se não soubermos mostrar-lhe o rumo certo, fatalmente escolherá o caminho mais fácil, dos prazeres, da irresponsabilidade, do vazio intelectual e moral.

— E quais os principais problemas dos jovens do seu país?

— Esse a que acabo de me referir: a formação de um carácter realmente digno, o que sòmente poderá ser alcançado através de Cristo, pela aceitação e testemunho dos princípios morais e espirituais do Evangelho.

Apesar da amabilidade do nosso interlocutor não era justo

(*Conclui na 5.ª página*)

A entrevista com o Sr. Dr. Osny Silveira

(*Conclusão da 4.ª página*)

que estivéssemos a abusar da sua delicadeza. Assim, resolvemos fazer-lhe a última pergunta, a qual tem para nós um interesse especial:

— Não sendo V. Ex.ª escoteiro, certamente não ignorará o florescente movimento escotista do Brasil. Teríamos, portanto, muito prazer em arquivar as suas impressões acerca do escotismo da nação irmã, em especial de S. Paulo.

— Sou um velho entusiasta do escotismo, no qual vejo um auxiliar precioso da Igreja e da família na formação de cidadão íntegro, operoso, capaz, honesto consigo mesmo e com os que o cercam. Em S. Paulo, o escotismo, outrora florescente, está quase extinto, pela imprevidência e comodismo dalguns governos. Um grupo de idealistas cuida, no entanto, de reavivá-lo — com o que terá prestado esplêndido serviço ao nosso Estado. Não conheço a situação em outras regiões do Brasil, mas penso que o quadro não será mais diverso. Quando a tarefa educacional se transforma em simples formalidade burocrática, é feita sem alma e sem ardor, pouco se pode esperar dos que a executam. Esperemos, no entanto, uma reacção salutar, com o incremento, no meu país dessa escola de generosidade e de dignidade pessoal que é, sem nenhuma dúvida, o escotismo!

Agradecemos a atenção que tivera para connosco, acedendo ao nosso convite, e, antes de nos retirarmos, rogámos-lhe que fosse o intérprete dos nossos sentimentos fraternais para com a mocidade brasileira, filhos de uma Pátria que tanto admiramos e da qual tanto nos orgulhamos e onde o «*Sempre Pronto*» tem a honra de contar com tantos e bons amigos.

JOEL RIBEIRO

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doentes — De regresso de Barcelona, onde foi operado à vista, com o melhor êxito, por um eminente oftalmologista daquela cidade, deu-nos o grato prazer de sua visita o nosso caro amigo Sr. Luís Simões Aurélio, antigo-escoteiro, que nos disse do bom resultadodo seu tratamento e nos manifestou a sua alegria pela maneira fraternal e gentil como foi acolhido e visitado por escoteiros de Barcelona.

Este nosso amigo encontra-se ainda convalescente, pelo que lhe desejamos um restabelecimento completo e seguro.

Visitas — Tivemos o prazer de ser visitados pelo nosso dedicado amigo Sr. Manuel P. Sá Viana que, em gozo de férias, passou alguns dias em Lisboa.

● Tendo reunido em Lisboa, nos últimos dias de Outubro, o Sínodo Nacional da Igreja Evangélica Presbiteriana, tivemos a alegria de abraçar os nossos amigos Srs. Rev. Joaquim Rosa Baptista, do Rossio de Abrantes, Presidente Honorário do Grupo 94; João de Oliveira Coelho, da direcção do Grupo 78 da Figueira da Foz; Rev. Francisco Cruz e José Correia, organizadores dos novos grupos de Ponta Delgada e Funchal.

● **De Luto** — Pelo falecimento de sua avó ocorrido em 6 do corrente, encontra-se de luto o nosso estimado assinante e antigo escoteiro do Grupo 94, Sr. José Maria Afonso, a quem apresentamos condolências muito sentidas.



CHAMA REDENTORA

Em volta da fogueira do primeiro «Fogo do Conselho» daquela época campista, estavam reunidos todos os escoteiros do grupo. A chama subia alta; junto dela todos os pensamentos eram elevados e sinceros — porque ela tem o condão de nos purificar.

Os escoteiros entoavam uma canção daquelas que, junto ao «fogo», parecem falar ao coração. Ainda os ecos repetiam o final desse canto:

«Oh! Alta chama brilhante
Minha alma purificai!
Só praticarei o bem...
O mal com teu fumo se vai».

Para alegrar mais o «fogo», um escoteiro contou uma anedota, seguindo-se várias canções. Todos estavam contentes; apenas Manuel da Silva não mostrava compartilhar da alegria comum. No seu íntimo, travava-se uma luta: — Era escoteiro havia vários anos. No princípio fora um bom escoteiro, mas, pouco a pouco, a sua consciência, o seu espírito escotista foram definhando, apesar dos grandes esforços do chefe, um senhor já de idade, cuja maior preocupação era arranjar no grupo quem o substituísse e continuasse a sua obra.

O seu comportamento era razoável, mas não basta ser-se bem comportado para se ser um bom escoteiro.

Há quanto tempo ele não praticava uma «boa acção»?! O que era feito do seu espírito de sacrifício? Como alguns amigos não escoteiros o tinham modificado!...

Antes de acabar o «Fogo do Conselho», o Chefe recitou a LEI que todos os escoteiros repetiram em conjunto. Acabada a recitação, todos, no máximo silêncio, foram para as suas tendas.

No meio deste silêncio, Manuel da Silva parecia ouvir o eco da LEI que ele havia bastante tempo não cumpria. Na sua tenda, não conseguiu dormir e lembrou-se dos seus primeiros camaradas que já não estavam no grupo por imperativos das suas vidas. Tempo distante, como é difícil recordar!

Pensou também no dia em que ele tinha entrado para o Grupo, mas este pensamento fê-lo estremecer.

Via-se diante da Bandeira Nacional e da Bandeira do seu Grupo. Lá estava ele, com outros camaradas, de braço estendido, prometendo alguma coisa.

Que tinha ele prometido?

— Tinha prometido cumprir os 3 Artigos do Compromisso de Honra!

— Ele tinha prometido cumprir a LEI DO ESCOTEIRO!...

— E cumpria-a ele?

— Não, não a cumpria, dizia-lhe a consciência.

— E se não a cumpria, não tinha o direito de pertencer a um grupo de escoteiros. Ele nunca poderia ser apontado, aos mais novos, como um exemplo a seguir.

E a sua consciência continuava a acusá-lo: — Nesse tempo, eras tu o mais novo; os teus camaradas tinham para contigo as atenções, a amizade e a sinceridade que caracterizam uma boa camaradagem. Essa camaradagem que tu dizes já não existir no teu grupo. Hoje, és tu um dos mais velhos; és tu que não tens para com os mais novos aquela camaradagem que os mais velhos do teu tempo tiveram para contigo. Pois se tu não és camarada, como queres que haja camaradagem?

— Sim, a sua consciência tinha razão! Ele era um mau escoteiro, mas tinha de modificar-se. «A vida começa amanhã», é uma verdade. A dele também começaria, não amanhã, mas agora mesmo.

Cerrou os lábios e, baixinho, pronunciou a LEI DO ESCOTEIRO:

— «O escoteiro é verdadeiro, **a sua palavra é sagrada**».

.....

— «O escoteiro é cortês e leal, **todos os escoteiros são seus irmãos**».

.....

Com a consciência mais tranquila, Manuel da Silva adormeceu, não sem que, antes, duas lágrimas lhe corressem pelas faces. Eram de gratidão pelo «Fogo de Conselho» que lhe tinha restituído o espírito escotista.

LUCIANO JUBILOT

N. R. — Este conto foi uma prova prestada para o concurso «Antero Nobre» do Grupo n.º 6, de Olhão.

Breves apontamentos sobre o Regulamento Geral

O 2.º artigo do Compromisso de Honra

A Direcção da A. E. P. fez distribuir um questionário com diversas perguntas sobre o Regulamento Geral, entre os quais surge a pergunta se «acha bem os textos dos Compromissos». Esta pergunta chama a nossa atenção para o facto de se insistir na redacção do 2.º artigo do Compromisso: *Proceder como homem consciente dos seus deveres.*

Temos na nossa mesa de trabalho regulamentos de diversas associações escotistas e em todas elas a fórmula do Compromisso se adapta à ditada por Baden-Powell e que, de facto, está de harmonia com o espírito do Movimento. Escreveu B.-P. «*To help other people at all times*».

A associação irmã do Brasil interpretou este artigo do Compromisso estabelecendo: «*Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião*». Em Portugal, um antigo dirigente sugeriu «*Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias*», fórmula esta que é hoje usada nalguns grupos e que se adapta perfeitamente à adoptada internacionalmente.

Não preconizamos a adopção servil daquilo que outros usam. Achamos bem que se procure melhorar ou adaptar às nossas características nacionais as fórmulas e doutrinas escotistas. Transforme-se e modifique-se sempre que houver vantagem; mas alterar, só para fazer diferente, parece-nos pretensiosismo condenável. Neste caso, porém, prescreve-se diferente para ficar pior. «*Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias*», traduz bem o espírito de serviço do Escotismo, a obrigação constante da Boa Acção, enquanto «*Proceder sempre como homem consciente dos seus deveres*» é fórmula que não pode ter qualquer significado para uma criança de 12 ou 14 anos, porque é transcendente. Como se pode exigir a um adolescente que proceda como homem? Que conhece um rapaz de 12 anos dos deveres de homem, para se exigir que esteja consciente deles? Parece que este assunto não deve merecer discussão, contudo, a Direcção da A. E. P. não só tem dúvida, como parece inclinar-se para a fórmula inadequada. Esperemos que a Conferência de Dirigentes se pronuncie sobre o Compromisso e resolva como é de bom critério.

Patrulhas de 7 ou 8 escoteiros?

Outra pergunta feita é se o limite do efectivo das patrulhas deve ser de 7 ou 8 escoteiros. Naquelas associações mais conhecidas, e cujos regulamentos temos à mão, particularmente a inglesa, francesas e brasileira, o limite de efectivo é de oito rapazes em cada patrulha. Em Portugal pretende-se que seja apenas de sete. Qual a vantagem? — Não sabemos. Sabemos apenas que a formatura de colunas de patrulhas fica com filas de quatro, se o efectivo é de 8, e que com o efectivo de 7 fica com filas de 3 e o guia excluído da formatura e obrigado a fazer corridinhas em volta da patrulha cada vez que esta muda de posição. Mas, enfim, sempre se fez diferente, inventou-se qualquer coisa de Escotismo, mostrou-se «sabedoria».

ACTUALIDADES ESCOTEIRAS



FOTO FELIX BRAGANÇA

O Sr. Comandante Henrique Tenreiro recebe a medalha de «Dedicação e Bons Serviços», classe ouro, das mãos de seu Pai, na cerimónia efectuada no Forte das Maias em 28 de Setembro.

O «Sempre Pronto» e a Associação dos Escoteiros de Portugal

Pela direcção do nosso mensário foi dirigida ao Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal a carta seguinte:

Lisboa, 12 de Novembro de 1952

Ex.mo Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim
Mui digno Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal

Prezado Irmão Escoteiro:

Desde 15 de Julho de 1948 que vigora entre este jornal e a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, representada pelo seu digno presidente, um acordo que regula as relações recíprocas e estabelece um acordo que regula a orientação dos respectivos serviços. Tendo sido, porém, anunciado que V. Ex.ª vai resignar o seu cargo, entende o Corpo Directivo deste mensário que o referido acordo se deve considerar caduco a partir do momento da sua demissão, afim de que o novo Presidente esteja completamente liberto de compromissos anteriores.

Aproveito o ensejo para prestar a V. Ex.ª as minhas homenagens pelo elevado espírito de cooperação e amizade que sempre encontrámos nas suas relações com o nosso «Sempre Pronto» e agradecer a confiança com que pessoalmente me honrou nomeando-me seu delegado junto do Corpo Directivo do Jornal.

Subscrevo-me afectuosamente e
«Sempre Pronto»
O Director
a) Eduardo Ribeiro

Problemas associativos

O art.º 81.º do Regulamento Geral de 1932 — o único que até agora tem valor legal associativo — preceitua, com referência ao Presidente da A. E. P., que «o auto de posse deve conter a expressa declaração de que serão respeitadas as disposições dos Estatutos e Regulamentos, bem como a soberania da Conferência de Dirigentes». Talvez por muito pesar na consciência, o projecto de Regulamento Geral elaborado pela actual Direcção não contém este artigo nem nada semelhante. Contudo, mesmo que não constasse da lei associativa semelhante recomendação, ela constitui princípio moral inerente à responsabilidade de quem ocupa cargo tão importante num organismo de objectivos educacionais. Lamentável é que assim não tenha acontecido e que a presente Direcção persista em legislar, estabelecendo regulamentação que não é da sua competência.

A Direcção da A. E. P. organizou um projecto de Regulamento Geral. Não vamos agora discutir se o trabalho é ou não perfeito, se deve ser revisto, sujeito a melhor redacção, tornado menos confuso, etc. É à Conferência de Dirigentes que compete pronunciar-se. Seja qual for a decisão que esta possa vir a tomar, a Direcção merece louvor pelo interesse que dispensou a um problema associativo tão importante e pelo trabalho que ao mesmo votou. Estudando e organizando o novo Regulamento Geral, a Direcção procedeu dentro das suas atribuições, porém, tal Diploma não obriga ainda os membros da Associação, porque só tem valor legal quando estiver devidamente aprovado.

Não entende assim a Direcção e resolve, arbitràriamente, pôr em execução alguns pedaços de prosa do Regulamento, normas que lhe convêm para a execução dos fins que tem em vista.

Como na convocação da Conferência de Dirigentes, feita de forma cuja legalidade é duvidosa, se recomenda: «É da máxima conveniência que todos os participantes na Conferência se inteirem completamente do que está nos Estatutos e nas normas regulamentares para que não se perca tempo a esclarecer pontos que poderão estar esclarecidos de antemão», nós julgamos contribuir para esse escla-

(Conclui na 7.ª página)

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 10

No domingo, dia 26 de Outubro findo, efectuou-se na Igreja Evangélica Presbiteriana da Rua de S. Bento, um serviço religioso promovido por este grupo de escoteiros, ao qual assistiram deputações dos grupos n.os 1, 5, 53, 79 e 94, bem como os chefes Srs. Mário Fernandes, Fernando de Carvalho, António Lobo de Carvalho, Capitolino de Macedo e Joel Ribeiro, bem como muitos antigos escoteiros e sócios do Grupo 10.

Foi oficiante o Rev. Dr. Manuel Conceição Jr. que, antes do sermão dedicado aos escoteiros, expressou a sua grande simpatia pelo Escotismo e felicitou o Grupo n.º 10 pelo seu trabalho dentro da Igreja e pelo aprumo dos seus escoteiros, louvando a acção do Chefe Samuel Vieira, cuja dedicação tem merecido o apreço de todos. Apresentou as boas-vindas a todos os Escoteiros presentes e formulou votos pelo progresso do Escotismo, implorando as bênçãos de Deus para os seus dirigentes.

Após o acto religioso, o Chefe do Grupo n.º 10 tomou o Compromisso de Honra a quatro novos escoteiros: Carlos Alberto Nogueira, João Gonçalves, José Relvas Pereira e José Vasco do Nascimento, depois de lhes ter feito sentir a importância do acto que iam praticar, acabando por os abraçar e declarar membros da família escoteira.

As madrinhas Sras. D. Luciana Azevedo, D. Irene Silva Vasco, D. Isabel de Jesus e D. Lucinda Mendes Correia fizeram a entrega dos chapéus aos seus afilhados, de quem ouviram a promessa da sua dedicação ao Escotismo.

Esta cerimónia foi presenciada com muito interesse pelo auditório que enchia o vasto templo. O acentuado progresso que este grupo manifesta e o aprumo dos seus escoteiros são uma nota que bem merece as felicitações do «Sempre Pronto».

Grupo n.º 99

Este Grupo, anexo do Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», entrou num período de franca actividade, tendo feito renascer o seu terno de clarins, cuja apresentação foi feita na inauguração oficial do campo de jogos da colectividade a que pertence, sendo digna de elogio a sua compostura, a que não foi estranha a oferta cativante do seu fundador, Sr. Alberto Pedro d'Avelar, de 15 chapéus e dos galhardetes para os clarins.

O Grupo acampou nos terrenos do novo parque desportivo, inaugurando-o simbòlicamente. Nesse dia 28 de Setembro, receberam a visita do Escoteiro-Chefe Sr. Eng.º Nobre dos Santos, que impôs no estandarte de «OS COMBATENTES» a medalha «*Dedicação e Bons Serviços*», classe ouro, em reconhecimento dos relevantes serviços prestados ao escotismo.

Os clarins do Grupo 99 têm sido convidados para abrilhantar algumas sessões festivas e o Grupo parece animar-se de nova vida, prometendo uma actividade mais intensa e de espírito escoteiro.

Grupo da Juventude Evangélica Portuguesa

Esta nova unidade, em organização, com sede na Av. D. Carlos, 53-2.º Dt.º iniciou já as suas actividades sob a chefia do Escoteiro do Grupo 53 Sr. Carlos Mamede. As reuniões são às 3.as feiras e 6.as feiras e reina entusiasmo entre os seus aspirantes.

Foi organizado um concurso, no qual contam pontos as assinaturas angariadas para o «Sempre Pronto», circunstância que merece o nosso melhor agradecimento, desejando grandes êxitos ao agrupamento da florescente J. E. P.

O Grupo n.º 85 dos Escoteiros de Portugal instalou-se em Belém

Recortamos, com a devida vénia, a seguinte notícia do nosso colega «Ecos de Belém»:

O Grupo de Escoteitos n.º 85, acaba de fazer a sua instalação em Belém, junto da Doca, a fim de se dedicar à prática do Escotismo Marítimo, segundo a comunicação que nos acaba de remeter.

Mais nos diz: «Desde há anos que, num país essencialmente marítimo como o nosso, se fazia sentir esta lacuna imperdoável da falta de rapazes que sob o ideal de Baden-Powell se dedicassem ao mar, esse mar tão azul que banha Portugal».

Fica o Grupo n.º 85, devendo a realização deste seu sonho ao grande amante da vida marítima, Comandante Henrique Tenreiro, que o soube tornar possível num momento tão propício para a realização do mesmo.

E disso se orgulha o Grupo n.º 85, ao ver em realidade o seu mais ambicionado sonho, porque decerto outros terá, de maneira a expandir a obra tão dignificadora do inesquecível mestre Baden-Powell.

Problemas associativos

(*Conclusão da 6.ª página*)

recimento lembrando que os únicos diplomas, por onde a Conferência de Dirigentes se pode e deve guiar, são os Estatutos de 9 de Março de 1942 e, naquilo em que estes não forem suficientes, o citado Regulamento de 1932 e seu 1.º apêndice de 1933, aprovado na II Conferência de Dirigentes. São estes os documentos que foram presentes e aprovados em Conferência de Dirigentes e, portanto, os únicos que têm valor como lei associativa, visto que nunca foram revogados pela mesma Conferência.

LIVROS

À venda na Redacção do «Sempre Pronto»

EM PORTUGUÊS:

O Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, indispensável a todos os dirigentes escoteiros	10$00
Aplicando o sistema de patrulhas, de E. E. Reynolds, esclarecedora história exemplificando o sistema de patrulhas	4$00
Como tratar e conduzir os Lobinhos, de Gelmirez de Mello	2$50
Alcoolismo, do Dr. Ayres Serrano e Silva	1$50
Dúzia	15$00
O Escotismo e a Formação Cívica, de Charles del Marmol	1$00
Dúzia	6$00
Estatutos da A. E. P.—edição especial	2$00

EM FRANCÊS:

Route du Succès, de B.-P.	27$50
Franchis l'obstacle, de B.-P.	27$50
Eclaireurs («Scouting for boys»), de B.-P.	27$50
Livre des Eclaireuses, de B.-P.	27$50
École de la vie, de B.-P.	31$00
Pour devenir un homme, de B.-P.	27$50
Aventures Africaines, de B.-P.	27$50
Jeux d'Eclaireurs, de B.-P.	27$50
Zig-zag-zoug, de Demole	27$50
Jeux de plein air et d'intérieur, de Ketty Jentzer	27$50
Manuel de l'Éclaireur o excelente e completo manual dos escoteiros franceses	80$00

POSTAIS ESCOTISTAS:

Ingleses	1$50
Franceses, reproduções fotográficas interessantes	2$50

CARTÕES DE BOAS FESTAS:

Edição portuguesa, cada $60, 25 ex.	10$00
Edições inglesas	4$50

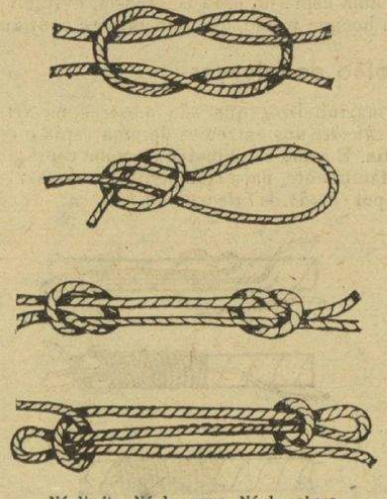
utilizar e amarrar bem, aproveitando-a no maior número de serviços que possa prestar; **saber dar um bom nó com a sua espia é uma prova de bom escoteiro.**

Um nó, para ser considerado bom, deve oferecer três condições:

1.ª — Simples e rápida execução;

2.ª — Apertar à medida que aumentar o esforço exercido sobre ele;

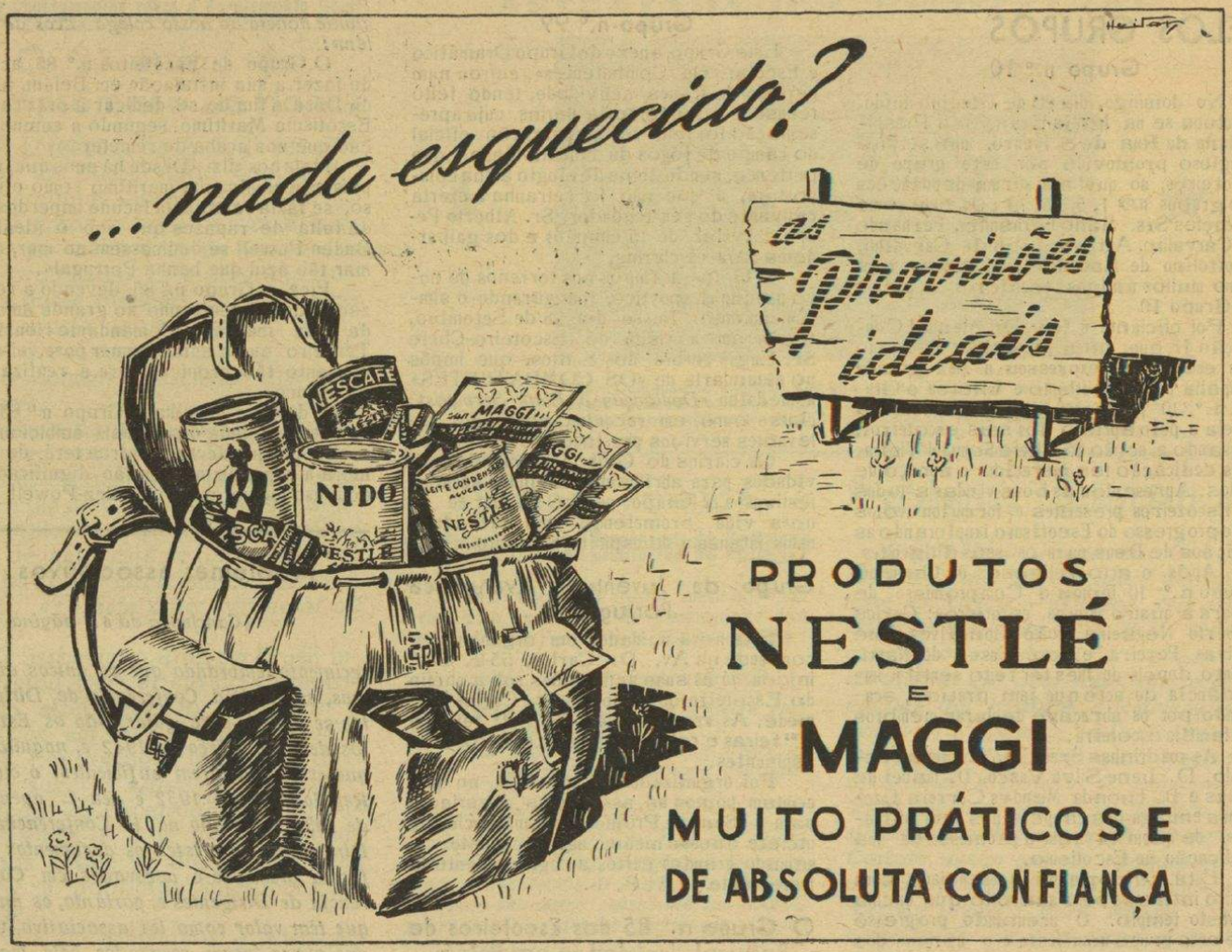
3.ª — Facilidade em ser desatado.



Nó direito. Nó de correr. Nó de cabeça de cotovia. Nó de encurtar.

Há uma grande variedade de nós, todos eles muito úteis aos escoteiros, mas por agora basta conhecer os seguintes:

Nó direito—É o nó vulgarmente usado para ligar duas espias do mesmo diâmetro. É muito aplicado nas ataduras e sempre na adriça da bandeira. Não corre e é fácil de desmanchar.



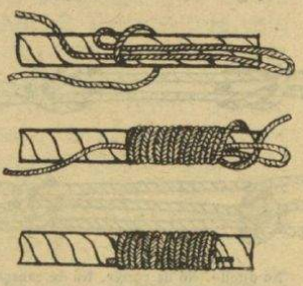
Nó de cabeça de cotovia—Usado para ligar duas espias de diâmetros diferentes ou então muito finas. É o nó que os pescadores usam para emendar as suas linhas. Forte, não corre e é fácil de desatar.

Nó de correr — Serve para levantar pesos, prender a extremidade de uma espia, etc. Aperta quando se puxa por ele; por isso não deve ser empregado em laços, nem para descer e subir precipícios ou levantar feridos.

Nó de encurtar—Como o nome indica, usa-se para encurtar uma espia ou para reforçá-la, evitando o esforço sobre um bocado puído, que não inspire confiança.

12 — Botão de falcaçar

Os, marinheiros, que são mestres na arte dos nós, chamam *chicotes* aos extremos de uma espia e *seio* à parte intermédia. E como os chicotes de uma espia qualquer se desfiam fàcilmente, para o impedir usam fazer o que designam por *botão de falcaçar* ou *falcaça*, que consiste em



Falcaça (botão de falcaçar)

enrolar um bocado de fio em cada um, conforme mostra a gravura.

O botão de falcaçar tem ainda, no entanto, para o escoteiro, muitas outras aplicações úteis. Serve também, por exemplo, para fazer *guarnições*: no cabo de uma frigideira para impedir que nos queimemos, etc.

MANUAL DO ESCOTEIRO

PARA SER ESCOTEIRO

PROVAS DE PATATENRA

conforme os programas da 3.ª classe
aprovados pela
Associação dos Escoteiros de Portugal

EDIÇÕES
«SEMPRE PRONTO»
T. Vitorino de Freitas, 9
LISBOA